

REFLEXÕES SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: O OLHAR DA ESCOLA E O OLHAR DOS PAIS ¹

Sonia Maria de Sousa Fabricio Neiva

Professora Doutora em Educação: Currículo. Professor Adjunto do curso de Pedagogia

Universidade Federal do Tocantins(UFT) Campus Universitário de Arraias- neiva@uft.edu.br

RESUMO

O artigo apresenta a avaliação pela lógica das instituições escolares que possuem uma proposição e orientação legal com os resultados de um estudo qualitativo sobre Avaliação da aprendizagem escolar na lógica dos pais de alunos do município de Arraias- TO. Verifica a leitura dos pais acerca do papel da escola no processo de aprendizagem dos filhos. O aporte metodológico se sustentou em dados do grupo focal que teve como amostra dez sujeitos: mães de alunos. Subsidiaram o estudo: D'Ávila (1998), Demo (1999), Perrenoud (1995,1999), Portes(1998) Villas Boas(1993). Os resultados revelaram que os pais avaliam o trabalho realizado pela escola. Reconhecem seu papel social e à sua maneira, identificam o que a escola faz e o que precisa ser melhorado. Apontam a avaliação da aprendizagem como um indicador de melhoria da qualidade de vida para os filhos.

Palavras-chave: Avaliação. Aprendizagem. Relação família-escola.

Introdução

Discutir sobre a avaliação da aprendizagem desenvolvida no Ensino Fundamental exige diferentes olhares no interior da escola, de acordo com os objetivos de seus interlocutores, pois a avaliação constitui-se num ato político, pode ser um exercício autoritário ou uma construção dialógica pautada no princípio da participação coletiva dos segmentos envolvidos. Bernstein (1982) alerta que a escola apresenta sua estrutura e proposta de trabalho à família sem, contudo relacioná-lo a realidade da criança. Desse modo ela insinua que pais e crianças devem abandonar a vida que tem sentidos, significados assim que cruzam a porta da escola.

Nesse sentido foi pensado sobre a realidade escolar que a Universidade Federal do Tocantins atua, e no bojo das relações emergiu a necessidade de pesquisar sobre a percepção dos pais sobre a forma como seus filhos são avaliados. As observações do cotidiano da escola, os discursos proferidos por alguns gestores e professores em dias de estágios de nossos alunos, e em algumas reuniões que tivemos oportunidade de participar denunciavam que nessa problemática haveria questões a serem investigadas. Conhecer o contexto social e histórico em que os alunos vivem junto à família é o primeiro passo para adoção de práticas educativas mais democráticas.

Revisão de Literatura

¹ Esse trabalho é resultado da primeira versão do Projeto de Extensão: Avaliação sob a ótica dos pais.

A escola

A Constituição da República Federativa do Brasil (1988) aponta o compromisso do Estado e da família no processo educativo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) destaca a importância dos processos formativos desenvolvidos na vida familiar entre outros. A legislação enfatiza a necessidade da cooperação entre família e escola como mecanismo de aprendizagem dos alunos. A efetiva articulação entre pais e escola e a avaliação destes em relação à instituição poderá provocar alterações significativas nos sistemas escolares.

A educação e por consequência a escola na contemporaneidade está envolta numa complexa teia de significados e contradições. Observa-se que do ponto de vista teórico e prático, a escola deve optar entre oferecer esperanças aos alunos, possibilitando a eles acesso aos conhecimentos produzidos pela humanidade. Ou então, deixá-los na ignorância e excluídos do processo cultural, social, político, etc.

Considerando a escola pública popular como sendo a que atende os setores populares, resta-nos como opção pensar que ela oportuniza a escolarização formal, que possui algum valor objetivo para os setores populares, no contexto político e econômico como o que vivemos.

Embora reconheçamos que a escola tenha nascido com o intuito de imprimir a igualdade, sua ação demonstra que ela opera a seletividade, a classificação e a exclusão gerando o fracasso escolar, especificamente das crianças oriundas de camadas populares. Razão pela qual pensar a avaliação na atual conjuntura é pensá-la no âmago das contradições do sistema educativo. “Se a escola tem de responder por produtos, estes só podem ser o resultado da apropriação do saber pelos alunos” (PARO 2007, p.13).

Os pais

Em relação às pesquisas sobre a relação escola/família que tem como objeto de estudo as camadas populares destacamos (D’Avila, 1988; De Queiróz, 1995; Dubet & Martucelli, 1996; Lahire, 1994,1997; Laurens, 1992; Portes, 1998; Viana, 1998; entre outras). Os referidos autores enfatizam que o trabalho pedagógico desenvolvido além de complexo não segue tampouco obedece a modelos. Em razão dessa situação a compreensão dos fundamentos desse trabalho é difícil, uma vez que não se pode generalizá-lo.

Gusmão (1997) e D’Avila (1998) indicam que a escolaridade é vista em família de classes populares, como fator de melhoria das condições de vida para os descendentes o que os leva a investir na escolaridade dos filhos.

Conforme Demo (1999, p.19-20) “a nenhuma mãe simples da comunidade ocorreria à ideia estranha de que, para educar seus filhos, teria primeiro que estudar educação. Sabe educar por outros caminhos: pela convivência histórica pela identidade de princípios sociais que norteiam a vida do grupo, pelo bom senso”. Esse posicionamento nos leva a refletir sobre as formas de avaliação executadas pela escola, e também nos posiciona rumo à discussão da avaliação informal que pode estar sendo feita pelos pais. A opinião dos pais acerca do processo de escolarização dos filhos realizado na escola precisa ser discutida.

Leitura e análise dos dados

A pesquisa se desenvolveu na Escola Estadual Apoenan de Abreu Teixeira localizada em Arraias estado do Tocantins, que atende alunos do Ensino Fundamental. Foi realizado grupo focal com dez mães² de alunos em abril de 2012. Para preservar a identidade delas, utilizamos a letra M seguida de número.

Em relação às atividades realizadas pelos filhos as mães apontaram que observam o caderno do filho, verificam se tem dever, telefonam para a professora. Dessa forma avaliam se o filho está aprendendo ou não. A maioria respondeu que vem quando são chamadas para as reuniões outras tem o costume de vir à escola. M2 acrescentou a sua resposta o seguinte: *“Eu venho no natal, venho na palestra da professora dos alunos ai no teatro dos meninos para ver como é que esta se este bom, ruim, médio”*. Essa resposta particularmente nos chamou atenção, pois reforça o entendimento de avaliação de resultado, ou seja, ao final do ano os pais vão à escola para saber se os alunos foram aprovados ou não. Talvez a escola ainda não tenha encontrado uma forma de mostrar como é a organização do trabalho escolar nos dias atuais.

Há o reconhecimento de os pais serem responsáveis pelo acompanhamento da aprendizagem dos filhos. *“não só a professora é obrigada. A gente que é mãe é obrigada acompanhar para ajudar nas tarefas. Os meninos... talvez não tenham medo das professoras, mas com a presença das mães, já é uma ajuda” (M4)*.

Segundo as mães a escola convida para as reuniões e elas comparecem. Em relação ao que acontece as mães explicaram que respondem ao que a escola pergunta durante a reunião, o que nos permite inferir que acontece uma avaliação informal, pois não localizamos registro de avaliações feitas pelas

² Destacamos que compareceram dez mães e nenhum pai; corroborando com o entendimento de a mãe ser a responsável pela educação dos filhos.

mães, no entanto elas nos comunicaram que sugerem temas para reuniões e respondem as perguntas.

Em relação à contribuição que a participação às reuniões educacionais traz para o filho, elas sintetizaram a resposta em três palavras: educação, aprendizado e organização. Nossas consideramos acerca dessa síntese é que ela indica a visão do modo como a função social da educação se manifesta na sociedade. Pois acreditam que é dessa forma que os filhos deverão agir nessa sociedade.

As mães apresentaram dificuldade para responder se o professor explica como ele avalia o aprendizado do filho. Em sua maioria, manifestaram que não entendem; que até sabem ler, mas não compreendem o que escola faz. As orientações feitas nas reuniões são acatadas, pois os professores sabem o que fazer. Quando não compreendem perguntam aos filhos e pelas explicações tentam ajudar. As respostas mostram que a falta de escolarização não impede as mães de ajudar os filhos. Elas afirmaram o que Perrenoud (1999) discute sobre o “go-between”, ou seja os filhos realizam a ponte entre família e escola, eles levam informações acerca do que acontece em sala de aula para casa. E por sua vez retornam para a sala de aula o que acontece em casa. Revela ainda que a escola não apresenta aos pais a proposta de trabalho da forma que eles possam entender. Essa atitude aponta que a própria escola acentua o hiato entre o conhecimento da realidade dos alunos. Elas se sentem seguras ao saber que a escola preocupa com seus filhos.

Sobre como avaliam se o filho está aprendendo ou não, as mães apontam o modo como avaliam o trabalho da escola. Segundo elas isso ocorre através da observação das tarefas de casa; na leitura, quando coloca os alunos para fazer o dever de casa, olhando os cadernos.

Questionamos as mães sobre quais são os conhecimentos elas podem propiciar aos filhos, elas foram unânimes em afirmar que: educação, respeito, carinho, amor é tarefa da família. O diferencial entre o que os pais ensinam e o que a escola ensina está na postura, aprendem a tratar as pessoas, a conviver em grupo e tem o professor para ensinar que é preparado para isso. Sobre as necessidades para melhoria do processo de aprendizagem da escola elas disseram: a) uma sala de computação para as crianças aprenderem a utilizar o computador; b) uma quadra de bola dentro da escola e coberta; c) uma horta grande para as crianças aprenderem a plantar e melhorar o lanche; d) espaço para biblioteca porque os alunos tem que caminhar até o centro da cidade para fazer pesquisa na biblioteca no centro da cidade. Todas as mães afirmaram que a escola faz muita diferença na vida dos filhos.

Talvez, a escola ainda não tenha encontrado uma forma de mostrar, como é a organização do trabalho escolar nos dias atuais e possivelmente realiza um trabalho atrelado à mesma concepção dos pais, conforme discute Perrenoud (1999). As respostas revelam que a escola não apresenta aos pais a proposta de trabalho da forma que eles possam entender.

Considerações Finais:

A participação da família na escola é uma importante conquista que ainda não foi bem assimilada pelos sujeitos envolvidos. Geralmente existe um receio dos pais e dos professores nessa aproximação, estes últimos ingenuamente entendem que abrir espaço para os primeiros pode representar perda de poder. Uma das possíveis razões pode ser a falta de delimitação precisa das funções educativas da escola e da família. A abertura da escola à comunidade e aos pais relaciona-se à emergência da gestão democrática nos sistemas escolares. Os resultados desse estudo apontam inquietudes relacionadas à qualidade do trabalho pedagógico realizado pela escola. As mães entendem a avaliação como nota e certificação, contudo percebeu-se que as mães compreendem a avaliação que a instituição faz, visto que nas respostas existem aspectos técnicos, éticos, estéticos pedagógicos, sociais.

Referências

- BERNSTEIN, Basil. A educação não pode compensar a sociedade. In: GRÁCIO, S et al. **Sociologia da Educação II** -A construção social das práticas educativas. Lisboa. Livros Horizonte, 1982. p.19-31.
- BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei 9394/96.
- BRASIL, Constituição da República Federal. 1988.
- D'ÁVILA, J. L. P. Trajetória escolar: investimento familiar e determinação de classe. In: **Educação & Sociedade**, 62. Campinas: CEDES/UNICAMP, 1998. Ano XIX, p.31-63.
- DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa**. 6.ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1999.
- DE QUEIROZ, Jean Manuel. **L'école et ses sociologies**. Paris, Nathan, 1995.
- DUBET, François & MARTUCELLI, Danilo. **Les parents et'école**: classes populaires et classes moyennes. Lien social et politiques-RIAC, n.35, p.109-121. 1996.
- FREITAS, Luis Carlos de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- GUSMÃO, N. M. M. Infância e escola em famílias negras de São Paulo. In: **CEDES, 42: Família, escola e sociedade**. Campinas: CEDES / UNICAMP, 1997. p. 53-74.

LAHIRE, Bernard. Les raisons de l'improbable: Les formes populaires de la "réussite" à l'école élémentaire.

In: VINCENT, Guy(org). **L'éducation prisonnière de la forme scolaire**. Lyon, PUL,p.61-64,1994.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios**: as razões do improvável. São Paulo. Ática.1997.

LAURENS, Jean Paul. **1 sur 500**: La réussite scolaire en milieu populaire. Toulouse, Presses Universitaires du Miral.259p. 1992.

PARO, Vítor Henrique. **Qualidade do ensino**: a contribuição dos pais. São Paulo. 3ed.Xamã,2007.

PORTES, Écio Antônio. Estratégias escolares do universitário das camadas populares: a insubordinação aos determinantes. In: PAIVA, Aparecida& SOARES, Magda (orgs). **Universidade, cultura e conhecimento**: a educação pesquisa a UFMG. Belo Horizonte, FAE/UFMG, p 251-277.1998.

SOBIERAJSKI, Maria Stella. **Explorando a prática da avaliação em uma 5ª série do 1º grau**. Campinas, SP, 1992. Dissertação (Mestrado em Metodologia de Ensino). Faculdade de Educação, UNICAMP.

VIANA, Maria J.B. **Longevidade escolar em famílias de camadas populares**: algumas condições de possibilidade. Belo Horizonte, MG,1998, 302p.Tese(Doutorado em Educação) Faculdade de Educação,UFMG.

VILLAS BOAS, Benigna Maria F. **As práticas de avaliação e a organização do trabalho pedagógico**. Campinas, SP, 1993. Tese (Doutorado em Metodologia de Ensino). Faculdade de Educação, UNICAMP.